

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ARQUIVOS

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O USO DA
FOLKSONOMIA NO CONTEXTO DA ARQUIVOLOGIA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Alessandra dos Santos Araújo

Santa Maria, RS, Brasil.
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ARQUIVOS

Por

Alessandra dos Santos Araújo

Monografia apresentada ao curso de pós – graduação à distância em Gestão de Arquivos, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão de Arquivos.

Orientador: Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi

**Santa Maria, RS, Brasil.
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ARQUIVOS**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização**

**ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O USO DA
FOLKSONOMIA NO CONTEXTO DA ARQUIVOLOGIA**

Elaborado por:

Alessandra dos Santos Araújo

**Como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em
Gestão de Arquivos**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi – UFSM (Presidente/Orientador)

Prof. MS Luiz Patric Kayser- UFSM

Profa. Ms. Sônia Elisabete Constante - UFSM

**Santa Maria, RS, Brasil.
2012**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria;

Aos Professores do curso de Especialização em Gestão de Arquivos;

Ao Professor Orientador André Zanki Cordenonsi;

Aos tutores presenciais e à distância, especialmente as Professora Vanda Lúcia de Menezes, Professora Maria Alcione Munhoz e Rosani Piveta da Silva e à Tutora Daniele Xavier;

À todos os colegas do curso em especial à Tânia Moura por ter me indicado o mesmo;

Ao meu co-orientador *não oficial* Prof. Dr. José Vicente de Freitas pelas correções e orientações ao longo da monografia.

"Por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem o presente, de tal forma que acabam por nem viver no presente nem no futuro. Vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido."

Autor: Buda Sidarta Gautama

RESUMO

Monografia de Especialização Programa de Pós Graduação em Gestão de Arquivos Universidade Federal de Santa Maria

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O USO DA FOLKSONOMIA NO CONTEXTO DA ARQUIVOLOGIA

**AUTORA: Alessandra dos Santos Araújo
Orientador: André Zanki Cordenosi
8 de dezembro de 2012, Sapucaia do Sul - RS**

A pesquisa estuda o uso da folksonomia no contexto da arquivologia. Enquanto objetivo geral, o texto busca entender como a folksonomia pode viabilizar o aprimoramento da organização e recuperação da informação de conteúdos de acervos, em particular os fotográficos, buscando destacar as seguintes nuances: identificar em que medida pode se dar a colaboração participativa no processo de geração de folksonomia com vista à organização e recuperação da informação de conteúdo arquivístico de cunho fotográfico; compreender quais poderão ser os impactos do uso desta estratégia, que articula folksonomia, organização e recuperação da informação em acervos fotográficos, no processo de indexação, na busca e nos resultados; compreender como a folksonomia se constitui num vetor de equilíbrio entre a linguagem natural e a linguagem proposta pelos métodos tradicionais de classificação. A reflexão proposta orienta-se por uma fundamentação teórico-conceitual reconhecida na literatura especializada, que se constitui pela abordagem em torno do conceito de Ciência da Informação, Arquivologia, Web 2.0, Folksonomia e de outros interligados como Websemântica. Enquanto recurso metodológico, a investigação se constituiu pelo uso de aportes pertinentes a uma investigação de enfoque exploratório, através de pesquisas bibliográficas. As informações levantadas foram sistematizadas e organizadas em blocos temáticos-conceituais, apresentados e discutidos a partir dos critérios da síntese, da coerência e da coesão. Trabalhamos com a tese de que enquanto recurso de organização, a folksonomia oferece a possibilidade de interação entre a imagem e o visitante, permitindo a adição de tags às imagens, viabilizando que o acervo fotográfico torne-se assim um produto de conhecimento que está sendo construído coletivamente. A hipótese proposta nesta pesquisa aponta a perspectiva de que a folksonomia pode constituir-se no vetor de aprimoramento das formas tradicionais de classificação e um novo modo de se fazer arquivologia

Palavras-chave: Folksonomia; Arquivologia; Ciência da Informação; Acervo Fotográfico

ABSTRACT

Post-Graduation Lato Sensu Monograph from
Federal University of Santa Maria
Specialization in Archives Management

Exploratory Study on the Use of the Context of Folksonomy Archivology

Author: Alessandra dos Santos Araújo

Advisor: André Zanki Cordenosi

Date and Local of Defense : 8 de dezembro de 2012, Sapucaia do Sul - RS

The research studies the use of folksonomy in the context of archival. While overall objective, it seeks to understand how the folksonomy can facilitate the improvement of the organization and retrieval of information content of collections, particularly photographic, seeking to highlight the following nuances: to identify the extent to which collaboration can take place in the participatory process generation of folksonomy for the organization and retrieval of information content archival photographic imprint; understand what could be the impacts of using this strategy, which articulates folksonomy, organization and retrieval of information in photographic collections in the process of indexing, searching and outcomes; understand how the folksonomy constitutes a vector of balance between natural language and the language proposed by the traditional methods of classification. The proposed reflection is guided by a theoretical-conceptual recognized in the literature, which is the approach around the concept of Information Science, Archival, Web 2.0, and other interconnected Folksonomy as Websemântica. While methodological resource, research is constituted by the use of inputs relevant to an investigation of exploratory approach through literature searches. The information gathered was systematized and organized in thematic and conceptual, presented and discussed by the criteria of the synthesis, coherence and cohesion. We work with the thesis that while resource organization, folksonomy offers the possibility of interaction between the image and the visitor, allowing you to add tags to images, enabling the photographic collection becomes thus a product of knowledge being built collectively. The hypothesis proposed in this research points to folksonomy perspective that can constitute the vector enhancement of traditional forms of classification and a new way of doing archival

Keywords: Folksonomy; Archivology; Information Science; Photo Collection

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Tema da Pesquisa e Definição do Problema	11
2 OBJETIVOS	13
2.1. Objetivo Geral	13
2.2. Objetivos Específicos	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	16
4.1 Ciência da Informação.....	17
4.2 Arquivologia.....	19
4.3 Web 2.0.....	24
4.4 Websemântica.....	27
4.5 Folksonomia	29
4.5.1 Vantagens e desvantagens no uso da folksonomia	33
4.5.2 Folksonomia e indexação de fotos	36
4.5.3 Folksonomia na prática	39
5 METODOLOGIA.....	45
6 A ARQUIVOLOGIA E OS RECURSOS DE COLABORAÇÃO E INTERAÇÃO COM OS USUÁRIOS	47
7 ARQUIVOLOGIA, FOLKSONOMIA E ACERVOS FOTOGRÁFICOS	50
8 RESULTADOS	53
9 CONCLUSÕES	55
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das duas últimas décadas, o desenvolvimento vertiginoso da Tecnologia da Informação e Comunicação tem impactado de forma significativa e contundente no tratamento da informação. Mesmo considerando que os sistemas de informação já existissem antes das modernas tecnologias, foi a partir da mecanização e da evolução tecnológica em informática que todo o processo informacional foi profundamente afetado. Os modos de produzir, tratar, armazenar, disseminar e recuperar a informação foram substancialmente alteradas e as necessidades dos usuários entraram em foco.

O fenômeno da internet é um exemplo evidente da intrínseca relação entre comunicação e evolução tecnológica e que provoca impactos importantes no campo de estudos da Ciência da Informação, no qual está incluído à arquivologia.

Uma das características da área da Ciência da Informação (CI) é a busca por métodos eficazes e práticos para a organização da informação. Com a *internet* e a proliferação da informação disponível, pesquisadores da Ciência da Informação têm se dedicado a estudar sobre os modos como objetos informacionais podem ser organizados e representados na *Web*.

Esta discussão vem gerando uma série de estudos, portanto, no âmbito da CI, e também vem despertando o interesse da arquivologia, que vêm buscando discutir, ainda timidamente, a conformação de uma arquivologia 2.0, ou seja, pensando como as novas ferramentas disponíveis na Web 2.0 podem potencializar a missão atribuída à área. Mas o debate é ainda incipiente.

Um exemplo interessante dessa ainda tímida tendência da arquivologia reside na dissertação de mestrado intitulada *Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência na web: novas possibilidades para as instituições arquivísticas públicas brasileiras*, de autoria de Ricardo Sodré Andrade, apresentada ao PPGCI/UFBA. No trabalho realizado, o autor buscou:

entender a aproximação da descrição arquivística e seus produtos com as novas possibilidades que a Web 2.0 representa, além de investigar se e como isso é apreendido pelas instituições arquivísticas públicas estaduais e o Arquivo nacional do Brasil. (p. 12).

Mas as referências sobre o debate em torno dos impactos da Web 2.0 na Arquivologia ainda são escassas. E ao propor um recorte focado nas ferramentas colaborativas e interativas relacionados a sua aplicabilidade na arquivologia, como é o caso específico da folksonomia, mote deste trabalho, quase não foi identificado uma produção intelectual mais consistente.

A folksonomia é um neologismo cunhado por Thomas Vander Wal ao juntar as palavras “folks” (pessoas, em tradução livre) e taxonomia, embora alguns autores ainda contestem este termo, uma vez que o mesmo é geralmente estruturado hierarquicamente (apesar da possibilidade de poli-hierarquias, sua estrutura hierárquica é mantida) e a folksonomia não tem princípio hierárquico, nem associativo. A informação pode ser organizada de diferentes formas no mundo digital, mas o que também se questiona é se a folksonomia pode atuar como um tipo de estratégia de organização e recuperação colaborativa da informação.

No âmbito da Ciência da Informação, portanto, assim como na Arquivologia, o tema da folksonomia vem se constituindo num campo de investigação ainda a ser explorado, principalmente se considerarmos a gama variada de usos em que está envolvida. A folksonomia é um fato. E os seus usos e implicações, como as demais questões que daí decorrem, sugerem inúmeras possibilidades investigativas, e de forma particular, quanto ao seu uso na organização e recuperação de acervos. E a curiosidade investigativa igualmente recai nas possibilidades de suas aplicações no contexto de acervos fotográficos.

E é nesse campo que se desenvolve o presente trabalho, que estuda, de forma geral, as possibilidades do uso da folksonomia no processo de organização e recuperação de acervos, e de forma particular, buscando averiguar como ela se comporta em relação à acervos fotográficos.

Este trabalho está sendo motivado, portanto, a partir da constatação de que formas colaborativas de classificação podem ser válidas como componente auxiliar na organização e recuperação de informações relativas á acervos, de modo geral, e à acervos fotográficos, de modo particular, disponíveis na *web*.

Como se trata de uma primeira investida no assunto, caracteriza-se este estudo como exploratório, naturalmente válido, mas pensado como estratégia para

desenvolver uma primeira base de informações que permitirá, adiante, novas pesquisas e a partir de problematizações mais elaboradas. O exploratório também está relacionado à condição de reconhecimento das nuances teórico-conceituais que o tema envolve.

A característica de exploratório implica na própria estruturação deste trabalho, já que a base de levantamento de informações resulta do trato com a literatura especializada.

Assim o trabalho está organizado em 09 seções principais: o tema da pesquisa e a definição do problema, objetivos, justificativa, metodologia, fundamentação teórica, a Arquivologia e os recursos de colaboração e interação com o usuário, Arquivologia, folksonomia e acervos fotográficos, resultados e conclusões, que foram dispostas segundo uma lógica coerente, expressão mesmo da forma como se percorreu o caminho para a sua elaboração.

1.1 Tema da Pesquisa e Definição do Problema

No contexto do corpo organizado de conhecimentos e competências que define a Ciência da Informação, a organização e a recuperação da informação corresponde, certamente, ao seu eixo identitário. O problema que propõe, “a tarefa massiva de tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento” (SARACEVIC, 1996. p. 60) continua sendo um desafio. A busca e a reflexão em torno de estratégias, recursos e métodos para a representação e recuperação do conhecimento gerado são permanentes.

O aumento significativo de conteúdos informacionais que a sociedade contemporânea produz e que avança numa velocidade muito maior do que a nossa capacidade de processá-lo e organizá-lo, agrava-se com o crescente processo de popularização da internet e de todo o instrumental de geração de conhecimento que emerge a partir dela (blogs, newsletters, fóruns de discussão e outros), além da transferência dos suportes informacionais físicos (livros, enciclopédias, periódicos, etc.) para o ambiente digital.

Nesse cenário, os instrumentais metodológicos de representação temática (Classificação Decimal de Dewey; Classificação Decimal Universal; a Classificação Facetada) e os demais métodos que deles, direta ou indiretamente decorrem, são insuficientes, em termos de aporte, para a organização e recuperação dos conhecimentos gerados pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Essas questões que se apresentam e impactam no âmbito da CI, igualmente são válidas para a arquivologia, considerando que ambas se situam num mesmo campo e que estão em permanente condição de interface. Se a CI preocupa-se com o estudo dos processos de produção e uso da informação, a arquivologia constitui-se numa das áreas que colocam em prática esse processo. Mas a pergunta chave que se apresenta é a seguinte: de que modo o universo 2.0 atravessa o campo das informações arquivísticas?

Se, por um lado, os avanços das tecnologias vêm gerando uma ampliação do campo informacional e, por decorrência, complexificando-o, dessas mesmas tecnologias emergem novas ferramentas para aperfeiçoar a representação e a recuperação das informações, bem como a disponibilização das informações arquivísticas. Esse é o caso, por exemplo, da folksonomia, que significa, a rigor, o processo que envolve as pessoas, os usuários, na indexação de informações *online*.

Na Ciência da Informação e, por decorrência, na Arquivologia, este tema vem se constituindo num novo campo de investigação. E é neste campo que se situa a presente pesquisa.

A folksonomia vem ocupando espaço no campo da pesquisa, principalmente quanto a sua aplicabilidade. E são muitas as possibilidades.

No quadro dessas possibilidades, a organização e recuperação da informação relacionada a acervos, e de forma particular a acervos fotográficos, representa um campo a ser explorado. E é neste ponto que esta pesquisa começa a ganhar forma. Trata-se de uma investigação que busca estudar as possibilidades do uso da folksonomia no processo de organização e da recuperação da informação de acervos, de modo geral, com ênfase em acervos fotográficos.

A situação-problema, portanto, que orienta o desenvolvimento do presente trabalho, está conformada nos seguintes termos: de que forma o uso da folksonomia é capaz de viabilizar o aprimoramento da organização de acervos em geral, e os fotográficos em particular, facilitando o acesso à recuperação da informação?

2 OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Estudar em que medida a folksonomia pode viabilizar o aprimoramento da organização e recuperação da informação de conteúdos relativos a acervos fotográficos.

2.2. Objetivos Específicos

O quadro dos objetivos específicos desta pesquisa estão conformados da seguinte forma:

- identificar em que medida pode se dar a colaboração participativa no processo de geração de folksonomia com vista à organização e recuperação da informação de conteúdo arquivístico de cunho fotográfico;

- compreender quais poderão ser os impactos do uso desta estratégia, que articula folksonomia, organização e recuperação da informação em acervos fotográficos, no processo de indexação, na busca e nos resultados;

- compreender como a folksonomia se constitui em vetor de equilíbrio entre a linguagem natural e a linguagem proposta pelos métodos tradicionais de classificação.

Para concluir, cabe ainda indicar que considerando a situação-problema e objetivos num contexto contínuo de “problematização”, abre-se espaço para que a própria experiência da pesquisa em desenvolvimento seja considerada na retroalimentação da situação-problema e dos objetivos.

3 JUSTIFICATIVA

O tema da folksonomia apresenta-se como um grande desafio ao campo da Ciência da Informação e, por decorrência, à Biblioteconomia e à Arquivologia, principalmente por que desafia essas áreas a repensarem suas atribuições e papéis, à luz de um padrão tecnológico da informação em rede que permite uma aproximação com o usuário, viabilizando mesmo a possibilidade da interação e da colaboração no processo de organização e recuperação da informação, espaço antes ocupado exclusivamente pela figura do especialista da área.

Neste novo modelo, produtores e consumidores ou autores e usuários, trocam de papéis quase que simultaneamente no processo de produzir e consumir informação. O usuário deixa de ter um papel passivo no processo informacional e ganha espaço em sistemas *bottom up*, que permitem a interação.

A inovação, portanto, coloca um problema a essas áreas que precisa ser pensado e equacionado, no sentido de incorporação das novas tendências e perspectivas. Agora, o desafio não é somente dos grandes elaboradores do campo da CI, mas também se apresenta para os profissionais que atuam nessa área. Assim, cabe, portanto, não somente acompanhar as inovações, mas também delas apropriar-se no exercício do fazer profissional.

E esse desafio fica complexo quando no campo da Ciência da Informação, tenta-se pensar sobre os possíveis impactos gerados pela folksonomia no contexto da Arquivologia, mas considerando que a formação inicial da pesquisadora deu-se

no campo da Biblioteconomia, e é a partir dela que será construindo as primeiras significações sobre o assunto, influenciando inclusive algumas opções adotadas nesse trabalho.

Mas há um dado que se apresenta como um argumento contundente para o desenvolvimento desta pesquisa, mesmo que no contexto de um estudo exploratório: a Arquivologia ainda explora muito pouco, tanto em termos de produção intelectual quanto prático, as possibilidades todas que decorrem no universo 2.0, em especial do recurso da folksonomia, ou seja, num momento em que se consolida uma internet cada vez mais social e que altera a forma como os usuários utilizam as representações da informação.

Assim, entende-se a oportunidade da elaboração deste trabalho: de um lado, reconhecer e atualizar o tema em relação às mudanças na área da CI impulsionadas pelas inovações no mundo da *Web*; do outro, apresentar uma contribuição para sistematizar as informações sobre o assunto.

Ao estudar a folksonomia no contexto da Arquivologia, está se incidindo sobre um dos temas relevantes para a área, esforço este que poderá resultar na construção de uma Arquivologia contemporânea sintonizada com as mudanças em curso.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

No que se refere à fundamentação teórico-conceitual, este trabalho situa-se na perspectiva de um certo distanciamento da prática que valoriza sobremaneira procedimentos apriorísticos como única condição capaz de conduzir ao conhecimento e garantir o padrão científico, sem, no entanto, prescindirmos desses elementos norteadores.

Assentam-se os referenciais desta pesquisa num processo permanente de reflexão, onde a fundamentação teórico-conceitual foi objeto permanente de reflexão. Nesse sentido, pode-se dizer que se busca como princípio, estabelecer uma interação entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado; entre teoria e prática; entre o pensar e o agir.

A fundamentação teórica é um fazer-se permanente. Deste modo, filia-se ao princípio de que não é possível adotar conceitos abstratos, produzidos fora do diálogo com os dados coletados. Ou seja, pressupões que o pesquisador é capaz de pensar teoria, de elaborar conceitos no processo de explicação, pois as evidências participam (de) e contém essa explicação, o que significa dizer que a fundamentação teórico-conceitual e evidências se determinam mutuamente.

O recorte epistemológico aqui proposto situa-se numa interface que aproxima o campo da Ciência da Informação e a Arquivologia, gerando um escopo pertinente à pesquisa e à articulação entre as variáveis conceituais; mas a partir dela também estabelece relações com outras áreas, em função propriamente da natureza do objeto.

A seguir, apresenta-se as referências que delinham e dão sentido, portanto, a este trabalho.

4.1 Ciência da Informação

Considerada de caráter eminentemente interdisciplinar, fortemente marcada pela relação com a Biblioteconomia e com a Ciência da Computação, a Ciência da Informação tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeitos), buscando foco nos fluxos e uso das informações (Tarapanoff, 2006). Ainda segundo esta mesma autora, por ser uma ciência aplicada, têm a possibilidade de ser utilizada nos mais diversos contextos organizacionais, sociais e individuais. Mas ela também possui uma dimensão social, pois preocupa-se com o estudo da comunicação da informação na sociedade, procurando facilitar o processo de transferência da informação, contribuindo assim para a construção da cidadania.

As suas principais características são: a) interdisciplinaridade; b) ligação com a tecnologia da informação e; c) participação ativa na evolução da sociedade da informação constituem-se, igualmente, nos seus principais temas de problematização.

Investigar propriedades, comportamentos e forças que governam o fluxo da informação são propostas que se adequam às práticas de tratamento da informação que possam surgir a qualquer momento. Atualmente, em função do surgimento da *web*, já consolidada como meio de comunicação e que se expande vertiginosamente, abrangendo cada vez mais diferentes tipos de usuários e formas de aplicação, a Ciência da Informação enfrenta o desafio de transformar a massa de dados disponíveis e multiplicados diariamente, em informações consistentes para recuperação e uso. E como área do conhecimento que se consolida e legitima sob a contemporaneidade dos fatos que envolvem a informação, a CI busca métodos eficazes de disseminação, recuperação e compartilhamento de informações e conhecimento. Hoje, esta busca se dá na relação com o admirável mundo da internet, em ambientes virtuais. E a folksonomia emerge e se desenvolve nesse cenário.

Este trabalho, delineado pelo estudo exploratório do uso da folksonomia articulado ao processo de organização e recuperação dos registros fotográficos insere-se, portanto, no contexto das preocupações e problematizações que se desenvolvem no campo da Ciência da Informação. Vejamos: - a investigação pauta-se por um conceito emergente e de interesse crescente da área: a etnoclassificação; - no recorte proposto, articula a reflexão sobre o fluxo e uso da informação, atentando para a produção e comunicação da informação com o envolvimento de atores sociais usuários da internet; - apresenta um viés interdisciplinar, pois envolve parte das disciplinas que compõe a Ciência da Informação (Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Computação).

O trabalho nos termos em que está circunscrito, também evoca, ainda relacionado ao campo da Ciência da Informação questões de terminologia, linguagens (naturais, controladas e simbólicas). Uma análise mais estruturada acerca das folksonomias, para além de um estudo de cunho exploratório, exige uma imersão no campo das Linguagens Documentárias (LDs), no contexto da quais as ontologias despontam como uma ferramenta poderosa para a organização dos conteúdos digitais e tornam-se importantes aliadas para o desenvolvimentos das LDs.

É o que sinaliza, por exemplo, Campos et al. (2007, p.2), ao considerar as ontologias como sendo:

[...] um modelo de informações representando um conjunto de conceitos num domínio específico, estruturados e inter-relacionados entre si, de entendimento compartilhado em comum por uma comunidade de usuários. Conceitos são organizados em hierarquias de classes e possuem atributos e relações entre si. Uma ontologia é representada em linguagem "inteligível" por programas 'agentes de software' e usada por estes para fazer interferências sobre os conceitos desse domínio.

4.2 Arquivologia

No contexto deste trabalho, reconhece-se que a relação entre Ciência da Informação e Arquivologia é envolta em polêmicas, mas que não será objeto de análise nesse momento. Na necessária tarefa de caracterizar a área, vamos partir do princípio de que as práticas arquivísticas estão situadas no âmbito da Ciência da Informação, constituindo, junto com a Biblioteconomia e a Museologia, a grande área chamada Ciências Sociais Aplicadas, ao menos no Brasil e segundo a lógica das nossas agências de fomento.

Nesse contexto, como destaca Guimaraes (2008, p. 33) a Ciência da Informação é guiada pelo objetivo de estudar os processos de produção, organização e uso da informação, enquanto que as outras disciplinas colocam em prática esses processos.

Mas a intenção desta seção é a de buscar caracterizar, em termos gerais, como a área da Arquivologia se estrutura, para mais adiante buscarmos evidenciar o que vem significando para ela a emergência da web 2.0 e da folksonomia.

Segundo o CONARQ (Conselho Nacional de Arquivos, 1997), a Arquivologia (ou Arquivística) é uma ciência que se relaciona com a Ciência da Informação. A Teoria Arquivística, também conhecida como Arquivologia, pode ser entendida como um conjunto de princípios, conceitos e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e uso de documentos em arquivos.

Por meio de um quadro conceitual e de uma metodologia própria e específica, estuda e trata os dados contidos nos documentos arquivísticos transformando-os em informação potencialmente capaz de produzir conhecimento e desenvolvimento social. A área de atuação da Arquivologia compreende a gestão da produção, do processamento e da disseminação da informação corrente, necessária e básica para a tomada de decisões na administração contemporânea.

Seu objeto de estudo e intervenção é a informação arquivística, isto é, uma informação de natureza orgânica e funcional, pública ou privada, coletiva ou pessoal, produzida, recebida e acumulada por pessoa física ou jurídica em razão de seus objetivos. Com a gestão da informação arquivística assegura-se a constituição e a preservação da memória institucional e pessoal.

Os chamados princípios arquivísticos constituem o marco principal da diferença entre a arquivística e as outras “ciências” documentárias. São eles:

- **Princípio da Proveniência:** Fixa a identidade do documento, relativamente a seu produtor. Por este princípio, os arquivos devem ser organizados em obediência à competência e às atividades da instituição ou pessoa legitimamente responsável pela produção, acumulação ou guarda dos documentos. Arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter a respectiva individualidade, dentro de seu contexto orgânico de produção, não devendo ser mesclados a outros de origem distinta;
- **Princípio da Organicidade:** As relações administrativas orgânicas se refletem nos conjuntos documentais. A organicidade é a qualidade segundo a qual os arquivos espelham a estrutura, funções e atividades da entidade produtora/acumuladora em suas relações internas e externas;
- **Princípio da Unicidade:** Não obstante, forma, gênero, tipo ou suporte, os documentos de arquivo conservam seu caráter único, em função do contexto em que foram produzidos;
- **Princípio da Indivisibilidade ou integridade:** Os fundos de arquivo devem ser preservados sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou adição indevida;
- **Princípio da Cumulatividade:** O arquivo é uma formação progressiva, natural e orgânica.

E como o fundamento da Arquivologia está ligado ao par “documento” e “arquivo”, faz-se necessário também atribuir-lhes significação á luz da literatura especializada.

De acordo com o artigo 2º da Lei nº 8.159/91, arquivo é o conjunto de documento produzido e recebido por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

Já segundo Prado (1988, p.30), arquivo é “a reunião de documentos conservados, visando à utilidade que poderão oferecer futuramente”, destacando que, “para ser funcional, um arquivo deve ser planejado, instalado, organizado e mantido de acordo com as necessidades inerentes aos setores” e que “para realizar o trabalho de arquivamento, o arquivista precisa conhecer a natureza do arquivo que lhe será entregue”.

O arquivista norte-americano Solon Buck apud Paes (2007), assim definiu: “Arquivo é o conjunto de documentos oficialmente produzidos e recebidos por um governo, organização ou firma, no decorrer de suas atividades, arquivados e conservados por si e seus sucessores para efeitos futuros”.

Para Paes (2006, p.50) arquivo refere-se “a acumulação ordenada dos documentos, em sua maioria textuais, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando a utilidade que poderão oferecer no futuro”.

Entre um e outro formato apresentado pelos estudiosos, há uma profunda concordância quanto ao sentido conceitual atribuído a noção de arquivo. E para documento.

Arquivos, portanto, referem-se a instituições. E de acordo com a natureza da entidade produtora, os arquivos classificam-se em públicos e privados.

Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e/ou recebidos no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias. São, também, públicos os conjuntos de documentos produzidos e/ou recebidos por instituições de caráter público e por entidades privadas encarregadas da gestão de serviços públicos.

Arquivos públicos designam também as instituições arquivísticas governamentais incumbidas da gestão e do recolhimento dos documentos produzidos pelo Poder Público, bem como pela sua preservação permanente e acesso. Exemplos: Arquivo Nacional, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo do Estado de Minas Gerais, Arquivo Municipal do Rio Claro etc.

Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos e/ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades, isto é, pessoais ou institucionais (eclesiásticos, corporativos, empresariais etc).

A definição de Briet (1951, p.9) para documento é recorrentemente usada, entendendo-o como “qualquer base material que sirva para a expansão do pensamento humano e que esteja disponível para estudo ou observação.” Já o conjunto desses materiais que tratam de um determinado assunto ou elucidam certos fatos, servindo para evidenciá-los ou comprová-los caracteriza o que na arquivologia se denomina de documentação.

A existência de um determinado documento também está relacionada ao seu formato, que diz respeito as suas características físicas, as técnicas de registro que foram utilizadas nele, a estrutura da informação nele registrada, e seu conteúdo informativo, bem como ao suporte, que se refere ao material no qual as informações são registradas.

A caracterização de um documento também é um campo bem definido pela arquivologia, que estabelece uma particularização quanto ao gênero, à espécie e ao assunto.

Esses elementos caracterizam e dão corpo à Arquivologia, que cumpre a nobre e indispensável tarefa de preservação e disseminação da informação documental. No entanto, a pergunta que se impõe é como o universo da *web* e as ferramentas colaborativas e interativas que aproximam os usuários, como é o caso da folksonomia, afeta este campo.

Segundo Cintra (2005, p.16), “(...) compete às LDs transformar estoques de conhecimento em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais”. Para que o conhecimento produzido por um enunciador, transformado em informação

através das LDs, cumpra seu “ciclo”, ou seja, retorne à esfera da circulação, faz-se necessário que essa informação seja novamente transformada em conhecimento através da possibilidade de seu acesso. Para Pieruccini (2004), apenas o acesso não basta para transformar a informação em conhecimento. É preciso, além do acesso, dominar algumas competências e habilidades que possam nos inserir na lógica dos dispositivos informacionais, e, assim, transformar produtos informacionais em bens simbólicos.

Nesse sentido, sendo a arquivologia uma disciplina que se encontra em processo de mudança de um paradigma custodial para uma nova era pós-custodial, faz-se necessário quebrar alguns paradigmas e redimensionar o saber científico da área. Portanto, a constituição de uma terminologia necessita de um exercício contínuo da área, o qual o presente estudo pretende contribuir.

4.3 Web 2.0

Outro conceito estruturante nesta pesquisa é o de Web 2.0, porque é nesse ambiente que se viabiliza processos folksonômicos.

O termo Web 2.0 foi anunciado por Tim O'Reilly em 2004, referindo-se a ideia de que a web deveria ser mais dinâmica e interativa, de modo que os internautas pudessem colaborar com seus conteúdos. Diz respeito à segunda geração de serviços *online*, caracterizado principalmente por um nível de interação em que as pessoas podem colaborar para a qualidade do conteúdo disponível, produzindo, classificando e reformulando o que já está à disposição.

Nas próprias palavras de O'Reilly:

[...] Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva. (O'REILLY, 2005).

Entretanto, especialistas em tecnologia, como Tim Berners-Lee consideram que o termo Web 2.0 não possui maior significado, uma vez que muitas das “novas” tecnologias que seriam características já existiam antes do suposto surgimento de uma nova Web. Outros críticos afirmam que Web 2.0 não passa de uma palavra de marketing (Brodkin, 2007) para auxiliar na aceitação de tecnologias que já existem, vendendo-as como algo inovador. Na verdade, segundo a crítica, não existe nenhuma ideia ou tecnologia nova, apenas uma evolução natural de algo que já existia, e que sofreu um aumento de utilização e desenvolvimento devido principalmente à massificação do acesso à internet.

De qualquer forma, no modelo 2.0, o usuário passa a ser o centro das atenções, ou seja, muda-se o paradigma e inicia-se uma nova concepção, que passa agora a ser descentralizada, de forma que o usuário se torna um participante ativo sobre a criação e seleção de conteúdo postado em um determinado site, através de plataformas abertas. Então, ao invés de apenas visualizar informações em páginas Web, os usuários podem publicar conteúdos em seus próprios blogs, em

wikis e sites que compartilham fotos e vídeos. Os usuários passam a estabelecer colaboração na rede, inserindo e combinando dados, conteúdos e serviços de várias fontes, para criar experiências e aplicativos personalizados.

Com este formato, é possível dizer que o foco da Web 2.0 está na intensa participação do usuário e na sua interatividade com os serviços *online*, muito mais voltada para a coletividade do que propriamente para o tecnológico, transformando a Internet em um espaço democrático de expressão e de acesso a todos, permitindo a construção da informação de maneira coletiva.

O site Amazon, por exemplo, desde o seu surgimento, em 1995, já oferecia termos relacionados aos produtos que se estivesse visitando (termos relacionados) e a colaboração de seus usuários permitindo a postagem de comentários. Ou seja, a ideia de compartilhamento das informações não é algo novo, como os defensores do termo Web 2.0 argumentam. Na verdade, isso sempre foi uma das ideias principais. O que se nota, precisamente, é a evolução das ferramentas e tecnologias envolvidas no processo, possibilitando desenvolver experiências inicialmente limitadas.

Assim, o que caracteriza efetivamente a Web 2.0 é a participação ativa de usuários para: publicação, compartilhamento, organização e interação na construção da informação.

De acordo com Primo (2006, p.2):

A web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processo de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática. São essas formas interativas, mais do que os conteúdos produzidos ou as especificações tecnológicas em jogo [...].

São inúmeros os exemplos de utilização dos conceitos de Web 2.0, ferramentas, aliás, de conhecimento geral: os serviços da Google (Orkut, Gmail, Blogger), o gerenciador de bookmark Del.icio.us, e o Flickr, que, além de permitirem a hospedagem de fotos, possibilitam também organizá-las através de associações livres, registrando as fotos conforme o título que o depositante interprete como sendo o mais adequado.

Entre as características que vão dando identidade à Web 2.0, destacam-se então: - a *web* como plataforma para processar, produzir ou consumir informação e; - canalização da inteligência coletiva e colaborativa, permitindo a qualquer usuário produzir e consumir informação de forma simples e direta.

No contexto desta pesquisa, o tema da Web 2.0 é fundamental, por que é nela que se efetiva as possibilidades folksonômicas. E com o objetivo de compreender o uso da folksonomia no processo de organização e recuperação dos conteúdos de acervos fotográficos, se faz indispensável optar pelo uso de uma ferramenta de serviço que viabilize justamente a interação entre o dado a ser organizado e posteriormente recuperado, o documento fotográfico, e o usuário.

Foi definido no contexto do desenvolvimento desta investigação a utilização de serviços de *blogs*, principalmente pelo fato de se constituírem em canal de comunicação direto entre as pessoas. Estruturado como um ambiente aberto permite ao usuário postar informações sempre que desejar.

O *Blog* representa a possibilidade de uma interface rica e funcional que, ao garantir a interação, aproxima, cada vez, novos usuários da Web colaborativa. Mas significa também um caminho para o exercício da inteligência coletiva, a comunicação a ser efetivada pelas pessoas faz com que seja construída uma estrutura de aprendizado e criatividade.

Segundo Lévy (1999, p. 28) para fundamentar esta questão, ele define que inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências”.

Na situação proposta por esta pesquisa, a construção da informação que por meio do *blog*, estabelece uma rede participativa e interativa de comunicação, capaz de aproximar as pessoas.

O processo folksonômico que o *blog* é capaz de gerar têm o potencial de contribuir no processo de organização e recuperação da informação de acervos e de conteúdos fotográficos. É necessário considerar que as reflexões teóricas apresentadas acima representam uma breve incursão em torno dessas questões.

4.4 Websemântica

A temática da Web Semântica igualmente será objeto de reflexão, por pertinência ao objeto desta pesquisa. Muitos estudos a tratam como sendo a solução para os problemas de organização e de recuperação dos conteúdos informacionais dispersos na internet.

O termo, associado a terceira geração da *Web*, refere-se ao princípio de estruturação do conteúdo das informações a partir de conceitos semânticos, pensado como recurso a ser usado para superar as dificuldades de localização, descrição e recuperação de informações em ambientes *Web*.

Trata-se de uma possibilidade que busca melhorar a qualidade na recuperação dos dados, um caminho que visa dispor nos sites tanto informações descritivas e temáticas para os usuários, como informações que possam ser processadas e identificadas pelos computadores automaticamente (BERNERS-LEE; LASSILA; HENDLER, 2001), ou seja, ela permite a interligação dos significados dos termos, atribuindo significados aos conteúdos informacionais existentes na *Web*, tornando essa informação significativa tanto para interação humana quanto para a máquina.

A Web Semântica proporcionará uma estrutura ao significado da página *Web*, criando um ambiente propício para que os agentes de busca possam realizar tarefas sofisticadas e entregá-las ao usuário (BERNERS-LEE, LASSILA, HENDLER, 2001).

O que está em pauta com a Web Semântica é a possibilidade de que possa prover uma linguagem capaz de expressar ao mesmo tempo dados e regras, de forma a possibilitar a dedução de novos dados e regras a partir de qualquer sistema de representação de conhecimento a ser importado ou exportado na *Web*. Busca-se a criação de uma nova estrutura de armazenamento de dados, baseada na separação da “apresentação do conteúdo” e do “conteúdo da estrutura”, tratando as unidades atômicas de uma informação como componentes independentes.

Viabilizando-se esta estratégia de separação, a informação poderá ser recuperada de várias maneiras, independente de como seja a busca, bastando que se conheça a estrutura dos dados.

Neste novo contexto, a Web será capaz de representar associações entre “coisas” que, em princípio, poderiam não estar relacionadas. Para isso computadores necessitam ter acesso a coleções estruturadas de informações (dados e metadados) e de um conjunto de regras de inferência que ajudem no processo de dedução automática.

Para que recursos informacionais sejam recuperados em um sistema de informação, portanto, é preciso utilizar métodos de representação da informação para que ocorra a mediação entre a forma registrada (documento) e o usuário.

Nesse ponto, constata-se que os metadados são fundamentais para localização/recuperação de documentos. Na visão de Grácio (2002, p. 114) metadados podem ser definidos como “conjunto de elementos que descrevem as informações contidas em um recurso, com o objetivo de possibilitar sua busca e recuperação”. E entre esses elementos, pode-se indicar, por exemplo, informações sobre o nome do autor, data de publicação, assunto, entre outros. Metadados são utilizados para descrever as características de recursos e seus relacionamentos, buscando reunir informações sobre a descrição de informações.

No imenso conteúdo disponível na Web a adoção de padrões de metadados poderá ajudar a aprimorar e facilitar a recuperação da informação.

4.5 Folksonomia

Entendida enquanto categorização espontânea de recursos da Web, a folksonomia particulariza-se porque é realizada em cooperação por um grupo de pessoas. Apresentando-se diferentemente dos métodos tradicionais de classificação, adquiri, a partir de 2004, status de tendência e, como tal, tem mobilizado usuários, vem gerando inúmeros artigos científicos divulgados por meio de publicações especializadas, influenciando grandes corporações, transformando-se em tema de pesquisas de mestrado e doutorado.

É recorrente o argumento de que essa forma colaborativa de classificação de informações, cujo potencial ainda está sendo explorado, cresce de forma acelerada, sugerindo mesmo uma revolução “dentro da própria revolução que a internet representa” (DEDA, 2008).

Na literatura especializada é possível encontrar tipos variados de abordagens referentes à folksonomia, desde a simples descrição da ferramenta, até o seu impacto no modo de comunicar e recuperar objetos digitais, às vezes até mesmo formando redes sociais.

Para Rufino (2010, p.15):

Tagging, também conhecida como classificação colaborativa ou, ainda, por folksonomia, do inglês folksonomy, é o uso de etiquetas ou palavras-chave para a representação de conteúdos na web, sejam imagens, áudios, vídeos, ou páginas web. Utilizada para organizar e facilitar a busca de páginas e recursos na internet, permitindo aos usuários criarem termos que melhor dão um significado ao objeto que pretendem classificar, em uma semântica mais clara e objetiva, em que cada usuário tagueia seu conteúdo usando critérios de sua preferência, para em seguida, poderem utilizar as tags para indexar e procurar o conteúdo classificado.

A folksonomia se baseia no conceito de Web 2.0, pois, como esta, é realizada de maneira colaborativa, “funciona através da atribuição de tags (etiquetas), pelos próprios usuários da web, a arquivos disponibilizados on-line. Assim, é o usuário que representa e recupera informações através das tags que ele mesmo cria”. (AQUINO, 2008, p. 305).

Para Mathes (2004), a folksonomia é um conjunto de termos que um grupo de usuários utiliza para etiquetar os conteúdos de recursos digitais da *web*. Enquanto que Trand (2006), afirma que é o resultado de um sistema de classificação socialmente construído, ou, coleção de conceitos expressos em um sistema de classificação desenvolvido de forma colaborativa.

A abordagem tradicional para o desenvolvimento de taxonomias, que é realizada por um profissional especializado, assenta-se em estruturas rígidas, que podemos chamar de controle terminológico, na qual a informação assume uma única posição no âmbito de uma linguagem artificial. Pela perspectiva da folksonomia, o linguajar natural da comunidade de usuários assume um papel central na organização das informações armazenadas, viabilizando a classificação da informação por meio de palavras-chave (também conhecidas como tags ou marcadores) atribuídas para etiquetar suas buscas na internet.

Atribuir etiquetas aos recursos da *Web* corresponde, portanto, a indexação livre em linguagem natural. Segundo Catarino e Batista (2007), os conteúdos são indexados livremente pelos usuários do recurso, podendo representar assuntos ou quaisquer outros elementos de metadados tais como tipo ou formato.

A primeira vez que se utilizou o termo folksonomy foi em uma lista de discussão do arquiteto da informação Thomas Vander Wal, que o definiu como:

[...] o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas a informações ou objetos (qualquer coisa com URL), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros). A etiquetagem é feita pelo próprio consumidor da informação. (WAL, 2004).

Segundo o autor, o termo vem da sugestão de outro membro da lista, Eric Scheid: folk classification (classificação por pessoas, ou social). O prefixo folk é então usado por Wal para substituir o 'tax', de taxonomia, gerando o termo folksonomia. O autor ressalta que folksonomia não é colaborativa, não é "colocar coisas em categorias" e não está relacionada à taxonomia (estaria mais próxima de uma antítese da taxonomia) e explica que o termo foi cunhado em torno da ideia de consumidores do conteúdo colocando etiquetas livremente na informação ou objeto

para seu próprio uso, bem como compartilhando essa etiquetagem abertamente. (WAL, 2005a, 2005b, 2007).

Os autores Golden e Huberman evitam usar o termo folksonomia, pois afirmam que ainda há discussões sobre sua terminologia, bem como divergências sobre seu conceito e preferem utilizar o termo “etiquetagem colaborativa” para se referir ao processo de marcação de itens com etiquetas na web (GOLDEN; HUBERMAN, 2005).

Porém, nesse trabalho foram adotados os termos *tagging* e classificação social como noção de etiquetagem, ou seja, um processo, cujo resultado será uma folksonomia, conforme definição e discussão nos trabalhos apresentados por Thomas Vander Wall.

Esse sistema de classificação, também conhecido como etnoclassificação, vem ganhando força e espaço, principalmente por sua característica de flexibilidade (viabiliza a lida com uma base de informações que cresce muito rapidamente), de viabilizadora na identificação de padrões de organização de informação (conceitos compartilhados e de colaboração entre as pessoas), e pela sua perspectiva colaborativa, possibilitando a cooperação em torno da captura e da organização.

A folksonomia tem alcançado uma gama variada de usos. Pela classificação proposta por Kato e Silva (2010, p.8):

A folksonomia vem sendo adotada de forma pura, quando o universo de informação tratado é muito abrangente, o que torna inviável aplicação de sistema de classificação controlados; coexistindo com a taxonomia, no qual o usuário terá a possibilidade de classificar as informações existentes de acordo com as suas preferências individuais; influenciando a taxonomia, utilizada com o objetivo de identificar terminologias e conceitos emergentes, inserindo-se no processo de revisão e manutenção da taxonomia; deixando-se influenciar pela taxonomia, combinação adotada quando o usuário vai inserir uma palavra-chave para classificar o conteúdo e o sistema oferece algumas sugestões de termos provindos de um vocabulário controlado.

Enquanto tipo de solução que considera a colaboração dos usuários, a folksonomia vem sendo utilizada em websites que oferecem serviços, em portais de e-commerce e igualmente em sites corporativos. Esta estratégia de etiquetagem, entretanto, nasce e segue envolta em polêmicas, justamente pela circunstância que

a caracteriza, a da classificação livre com etiquetas atribuídas pelos usuários. E o debate é maniqueísta: de um lado, encontram-se os que acreditam que a classificação livre ganhará cada vez mais espaço, devido à sua consonância com as mudanças que estão em curso na sociedade; do outro, os que argumentam que não passa de um modismo de curta duração, já que não é tão eficiente para a recuperação da informação.

O fato é que os projetos que adotam a folksonomia estão se proliferando. Como observa Frederick Van Amstel (2007), “(...) os profissionais da área estão se perguntando menos se folksonomia é boa ou má, mas sim em que situação é adequada (...)”. A esta altura já é possível constatar que a folksonomia vem ocupando espaço no campo da pesquisa, principalmente quanto a sua aplicabilidade.

4.5.1 Vantagens e desvantagens no uso da folksonomia

A análise da literatura revela vantagens e desvantagens no uso da folksonomia: apresenta-se como alternativa de classificação colaborativa de conteúdos, contendo o atributo de estabelecer possibilidades de representação e organização de conteúdos digitais, apesar de apresentar problemas de precisão na indexação temática de conteúdos.

Um dos pontos críticos da utilização da folksonomia está na questão em que a total liberdade dos usuários é considerada tanto a razão de seu sucesso quanto a causa de seus problemas, ou seja, ao mesmo tempo que a folksonomia funciona por causa dos seus usuários, suas falhas são ocasionadas por eles. Por este motivo, um grupo de autores defende a proposta de uma metodologia mais controlada. Porém, outro grupo, advoga que a liberdade deve ser mantida, o que é realmente necessário e que é preciso que novos recursos para minimizar os seus problemas sejam desenvolvidos.

A partir do levantamento realizado em diversos artigos, verificou-se que é recorrente a citação dos pontos positivos e negativos no uso da folksonomia, não sendo possível delimitar com exatidão qual delas sobressai, pois é um novo conceito que ainda está sendo observado e discutido na comunidade de autores da ciência da informação, comunicação e computação. Como seu uso ainda é controverso, listamos no quadro abaixo algumas opiniões divergentes dos autores quando ao uso da folksonomia.

PRÓS	CONTRA
<p>“Permitir que o próprio usuário realize o processo de categorização, colocando ordem e sentido nos objetos por meio da atribuição de tags, está a redução de custos de tempo e de investimentos em serviços especializados” (MATHES, 2004)</p>	<p>“O uso de um vocabulário não controlado é um dos pontos de conflito na folksonomia” (STERTZ, 2004)</p>
<p>A liberdade de expressão, que possibilita abarcar todas as formas de ver um mesmo conteúdo, respeitando as diferenças culturais, interpretativas, etc. O fato de todos os recursos etiquetados estarem disponíveis na Web e, portanto, acessíveis de qualquer computador que esteja ligado à internet. A possibilidade de criar uma biblioteca de informação sobre artigos e/ou textos acadêmicos, que também estarão acessíveis em qualquer lugar, não sendo necessário copiar pastas de um computador para outro (CATARINO e BATISTA, 2007)</p>	<p>“São geralmente ambíguas, excessivamente personalizadas e inexatas, resultando em um conjunto de termos caóticos e incontroláveis que dificultam o processo de busca. Erros de ortografia limitam a decodificação e constituem graves problemas para a recuperação da informação a partir da folksonomia.” (GUY & TONKIN, 2006).</p>
<p>“Os usuários da folksonomia criam rapidamente tags em resposta a novos usos, valores e mudanças contextuais para as terminologias dos bens simbólicos”(KROSKIN, 2006)</p>	<p>“acreditamos que as folksonomias não foram desenvolvidas com o compromisso de representar os conceitos dos documentos no âmbito de um sistema de informação, mas, simplesmente, como recursos de organização de informações de que o usuário dispõe de acordo com suas conveniências individuais” (STREHL, 2011).</p>
<p>“As tags oferecem novas opções para representar o conhecimento tácito dos usuários através de sistemas de classificação colaborativa” (WELLER, 2007)</p>	<p>A primeira é que ela cria um sistema de organização com muitas inconsistências e ambiguidades. Problemas de polissemia (palavras com muitos significados), sinonímia (múltiplas palavras com o mesmo significado), inflexões (variações de gênero, número e grau da palavra) e erros ortográficos são muito comuns na folksonomia. Além disso também é comum a existência de muitas tags imprecisas ou irrelevantes, o chamado meta noise” (REIS, 2007).</p>

<p>“O fato de a folksonomia ser construída a partir de dados obtidos dos próprios usuários é algo positivo no sentido da garantia do uso, ou seja, o termo usado para representar o documento será o mesmo usado para recuperá-lo posteriormente, por determinado usuário. Neste caso, a garantia de uso do termo na literatura (garantia literária), parece não importar muito, já que a folksonomia é construída a posteriori – não há uma etapa de análise dos documentos do domínio para então se coletar termos e criar posteriormente a base para o sistema de representação, como no caso”.</p> <p>dos tesouros, por exemplo.” (BRANDT, 2010)</p>	
<p>“A folksonomia tem um baixo custo para categorizar o conteúdo porque não envolve profissionais especializados em categorização de conteúdo (arquitetos de informação, bibliotecários, etc). Ela permite que o usuário organize facilmente o conteúdo porque ele não precisa aprender um vocabulário controlado. Na verdade os usuários criam o vocabulário controlado do site e com isso ela reflete muito bem a linguagem dos usuários.” (REIS, 2007)</p>	

Quadro 1: Prós e Contra no uso da Folksonomia

4.5.2 Folksonomia e indexação de fotos

A folksonomia se tornou popular a partir do momento em que foi lançado pelo Del.icio.us, um serviço de bookmarking *online* centralizado no indivíduo. Este serviço nasceu a partir de necessidades bem individuais, onde as pessoas indexavam suas fotos, de acordo com seu interesse e necessidade, sem seguir normas, ou regras de vocabulários controlados.

Quando se fala em indexação de imagens, pode-se citar Panofsky (1979), que propõe que a análise da imagem seja dividida em três níveis: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico. E é possível resumir da seguinte forma os três níveis sustentados por Panofsky: o nível pré-iconográfico, como uma descrição; o iconográfico, como uma análise; e o iconológico, como uma interpretação.

Jongersen (1996), afirma que o maior problema intelectual envolvendo a indexação de imagens é como indexá-la. Segundo a autora, isso acontece por falta de estudos sobre a percepção humana de imagens pictóricas. Não é possível realizar uma boa indexação de imagens sem compreender como o ser humano “lê”, e compreende a imagem.

Com o surgimento dos *sites* onde “depositamos” as fotografias, geralmente de cunho pessoal, a folksonomia ou a forma “descontrolada” de indexar, foi aumentando. Para Catarino e Baptista (2007), um dos problemas causados pela folksonomia é a polissemia, a sinonímia e a ambiguidade, que ocorre porque a folksonomia não trabalha com padrões ou critérios pré-definidos, nem mesmo com objetivos. Cada um atribui a etiqueta que lhe é mais conveniente.

Muitos projetos de acervos de fotografias estão sendo disponibilizados na *internet*, com o objetivo de divulgar suas imagens, que contam com a colaboração livre dos usuários para taggear as fotografias.

Um projeto inédito onde os usuários colaboram para esse processo acontece nos Estados Unidos, na Biblioteca do Congresso. As fotografias ficam disponíveis para os usuários do Flickr, através do *blog* da biblioteca (<http://blogs.loc.gov/loc/2008/01/my-friend-flickr-a-match-made-in-photo-heaven/>).

A Biblioteca do Congresso já publicou duas coleções no Flickr: *a American Memory: Color photographs from The Great Depression*, com 1615 fotos dos anos 1930 e 40, período de grande crise nos EUA; e *a The George Grantham Bain Collection*, com 1500 fotos P&B de trabalhadores e da cidade de Nova York dos anos 1910.

Um exemplo da aplicação da folksonomia no projeto da Biblioteca do Congresso é a imagem abaixo:



Imagem 1: Artesãs trabalhando em fábrica de tapetes. **Fonte:** Disponível em: http://www.flickr.com/photos/library_of_congress/2163450764/in/set-72157623212811048/. Acesso em 23 de julho de 2012.

Para se ter uma noção do resultado da livre atribuição de tags em relação a esta imagem, foram selecionadas algumas das palavras-chave utilizadas pelos usuários para indexá-la:

Trabalhadores – Indústria – Tear – Tecelões – Nova York – Mulheres – Tecelagem – Associações para cegos.

O que se observa no caso acima apresentado é, a rigor, a indicação daquilo que a imagem, por meio de tags, representa para o usuário, o que se dá sem a utilização de regras, sem normas, sem referência à maiores detalhes que possam ser considerados na recuperação. Vale dizer que a folksonomia não substitui um vocabulário controlado, nem uma análise mais elaborada de uma fotografia, assim como seu conteúdo e seu significado. Trata-se de um novo recurso, que com o advento da web 2.0, representa o modo como as pessoas se comportam, se identificam e se relacionam com o fato fotográfico.

É, portanto, uma forma nova de fazer uma leitura pessoal dos acervos fotográficos disponibilizadas na internet. Por outro lado, a folksonomia não deve ser vista apenas como mais uma forma de classificar, mas deve ser entendida também como uma estratégia cultural, particularmente apropriada pelas redes sociais, ou para sites de compartilhamento, mediando à relação do indivíduo com a esfera pública e particular da sua vida. Não se pode considerar descontrolado o vocabulário criado por um usuário, por meio da folksonomia, para identificar suas fotografias. O controle não é forçado, não obedece a regras, apenas considera ou representa uma primeira percepção do indivíduo sobre a imagem.

4.5.3 Folksonomia na prática

Como essa pesquisa é de cunho exploratório e descritivo, foi realizado em sites da *web* arquivos que possuem seus acervos disponíveis na *internet* e que utilizam a *web* 2.0 e suas ferramentas de cunho colaborativo. Observou-se, entretanto, que existe uma limitada utilização dessas ferramentas. Alguns estudos apontam apenas para a análise de sites de arquivo e se os mesmos adotam as recomendações propostas pelo CONARQ para a construção de websites em instituições arquivísticas, aprovado em dezembro de 2000, o qual já apresenta uma certa obsolescência em virtude da época em que foi criado, desde então a *web* passou por modificações, inclusive tornando os acervos arquivísticos mais colaborativos.

Para Oliveira e Matos (2011), ainda é incipiente no Brasil instituições arquivísticas que incorporam elementos da *web* colaborativa, apesar de muitos autores sugerirem diversas ferramentas úteis que possam ser utilizadas pelas instituições arquivísticas, como os Feeds, blogs, Flickr, Twitter, Wikkis, MySpace e Facebook, além de Podcasting.

Nesse sentido, foram realizadas buscas em arquivos internacionais, onde constatou-se que existem muitos projetos, alguns em um nível avançado de colaboração que utilizam essas ferramentas, como listados abaixo:

a) Projeto NINES

NINES (*Networked Infrastructure scholarship Nineteenth-Century ElectronicS*) é uma organização acadêmica dedicada a estabelecer laços entre o material de arquivo do século XIX e do ambiente de pesquisa digital do XXI. Suas atividades são conduzidas por três objetivos principais:

- servir como um corpo de revisão por pares para o trabalho digital no longo século 19 (1770-1920), britânicos e norte-americanos;

- apoiar as prioridades dos estudiosos e apontar melhores práticas na criação de materiais de pesquisa digitais;

- desenvolver ferramentas de *software* para novas formas de pesquisa e análise crítica.

As nove interface do Collex (*software* de gerenciamento) está no centro desses esforços. Pretende reunir as melhores fontes acadêmicas no campo e torná-los totalmente pesquisável e interoperáveis, bem como proporcionar um espaço de coleta *online* e espaço de criação em que os pesquisadores possam criar e publicar seu próprio trabalho.



Imagem 2. Site do Projeto NINES. **Fonte:** Disponível em: <http://www.nines.org>. Acesso em : 23 de julho de 2012.

O projeto NINES hospeda o JUXTA, que é uma ferramenta para comparar e ordenar diversos casos documentário do mesmo trabalho e o Ivanhoe, que é um jogo colaborativo para a interpretação textual de outros materiais culturais. Outras ferramentas de interpretação e aplicações estão em fase de planejamento.

b) Archief National (NA)

O *Archief National* (NA) é o arquivo nacional da Holanda, localizado em Haia. Abriga coleções do governo central, da província de Zuid-Holland, e da antiga County da Holanda. Há também acervos de instituições privadas e indivíduos com uma associação com o governo holandês sobre a política social histórica da Holanda. O *Archief National* e o Arquivo da Companhia Holandesa das Índias Orientais foram, juntamente com os registros relacionados detidos pela África do Sul, Índia, Sri Lanka e Indonésia, inscrito na UNESCO no Programa Memória do Mundo em 2003, em reconhecimento de seu valor histórico. Recentemente, os arquivos fotográficos de Spaarnestad foram incluídos no *Archief National*. Essa instituição arquivística inclui imagens favoritas de suas coleções organizados em pequenos grupos temático no Flickr. As imagens estão disponíveis para comentar e marcar.



Imagem 3: Imagens do Arquivo Nacional da Holanda disponível no Flickr. **Fonte:** Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/nationaalarchief/sets/>. Acesso em: 25 de julho de 2012.

c) Oregon State University Archives

A **Oregon State University Archives** possui uma grande coleção de fotografias, o que se reflete em sua coleção digital. São coleções com documento da história da universidade, bem como agricultura e os recursos naturais do Noroeste do Pacífico. Era necessário criar uma nova maneira de disseminar as imagens e dessa forma interagir com o usuário, em particular, que queria um lugar para acessar *online* as informações baseados em imagem tutoriais, com o objetivo de compartilhar fotos de eventos de programação atuais e de destaque as fotografias da Coleção Gerald W. Williams. Flickr, o popular site de gerenciamento e compartilhamento de fotos *online*, ofereceu uma alternativa para a bibliotecas OSU "sistema de gestão *online* da imagem, CONTENTdm. Os Arquivos OSU configuraram uma conta do Flickr (osu.archives) em 2008, além disso, o Arquivo reuniu o Flickr Commons (osu.commons) em fevereiro de 2009.

Os Arquivos OSU é um "tradicional" Arquivo da Universidade, abrigando os registros oficiais e não oficiais históricos do campus. Esses registros contêm materiais gerados por professores, departamentos acadêmicos, escritórios administrativos, estudantes e organizações. Seu acervo está em constante crescimento, que inclui mais de 450.000 imagens doadas pelo corpo administrativo da universidade, fotógrafos, estudantes e indivíduos que mostram prédios do campus, as pessoas, e no estado de Oregon (com foco no Vale de Willamette e áreas rurais do Estado).

O Flickr foi uma maneira econômica e fácil de ampliar e diversificar esse público, além disso, permitiu a marcação de usuário e comentários dos mesmos, que serviu para envolver a comunidade de usuários e que poderia fornecer mais informações sobre as coleções. Foi configurada uma conta no Flickr Pro em julho de 2008 para mostrar fotografias dos eventos, programação, criar tags *online* baseados em imagens tutoriais e carregar várias fotografias sem históricos, o que foi um "Sucesso". As Bibliotecas possuíam uma conta ativa, e o arquivo assumiu a criação de seu próprio espaço, mas visando uma base geral de usuários, o que resultou em dois tipos de imagens: contemporânea e histórica. Dentro da categoria de "histórico", foram incluídas fotos de edifícios conectados com um passeio a pé campus histórico

e ligado a um Mapa do Flickr, imagens de eventos esportivos e diversos outros itens da coleção Gerald W. Williams .



Imagem 4. Site da Oregon State University Archives. **Fonte:** Disponível em: <http://library.osu.edu/find/collections/the-ohio-state-university-archives/photo-archives/>. Acesso em: 25 de julho de 2012.

d) Projeto Memória Viamense: a Memória de Viamão e a construção coletiva do conhecimento

O Projeto Memória Viamense utiliza um *blog* como ferramenta de armazenamento, preservação da memória e construção coletiva do conhecimento. Tem como foco a preservação da memória do Município de Viamão – RS, através de fotografias custodiadas do Arquivo Histórico e pertencente ao Departamento de Memória do Município. As fotografias foram disponibilizadas pelo próprio Departamento, a partir de originais pertencentes à comunidade. O objetivo do *blog* é analisar a criação, difusão e acesso às fotografias digitalizadas, examinar a organização da informação no Departamento de Memória.

O *blog* passa por um novo desafio que é o de realizar a identificação e a descrição arquivística das fotos digitalizadas. Algumas das fotos cedidas pelo Departamento de Memória de Viamão já contam com algumas informações, algumas imprecisas, e esse trabalho deverá ser realizado com a colaboração da comunidade. O *Blog* que inicialmente possui uma característica de experimento de ferramenta de preservação da memória social e construção coletiva do conhecimento é mantido com essa ideia, mesmo que contribuições tenham sido poucas na identificação por parte da comunidade mais antiga. Isso pode ser explicado, em parte, porque a população mais antiga não acessa *internet*. Outro motivo se explica pela inexistente divulgação do *Blog* nos meios externos à *internet*. Deverá ser elaborado um plano de marketing que inclua divulgação nas rádios comunitárias da cidade além de divulgação do boca-a-boca. Divulgar essa que explicita a intenção do *blog*, ou seja, a importância de preservar a memória.

Postado por Carlos Dinarte Links para esta postagem Recomende isto no Google

Reações: Ruim (0) Bom (0) Ótimo (0)

Folksonomias: cemitério antigo de Viamão, cultura, Gente, ICV, Município

Cemitérios

18 comentários

Uma colega leitora do nosso Blog me indagou sobre os cemitérios antigos de Viamão. Esta pesquisadora esteve visitando o conhecido "cemitério antigo" da Cidade e verificou que os túmulos não são tão velhos. Agora, deixo aqui, uma pergunta no "ar": onde estão os cemitérios antigos (os mais antigos mesmo) da Cidade? Quem souber ou quiser ajudar nesta empreitada, por favor, responda postando um comentário. Vou tentar descobrir, quando souber postarei aqui.

Tenho uma foto aqui, daquela leva que trouxe do Dep. de Memória da Cidade. Trata-se de uma foto de um cemitério. Há uma legenda que diz que o cemitério é de Itapuã. Fora isso, não há descrição mas detalhada. Deixo a foto aqui para ajudar a instigar.

Abraços!

Cemitério do bairro Itapuã

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Esporte Dr. Carlos Pinto Mennet / Departamento de Memória

Blog Letras da Torre
Legal a referência que o Blog Letras da Torre fez do nosso Blog
Memória Viamense. Na postagem, tem uma importante referência ao Serapião Jo...

1º ano de Blog Memória Viamense / monense
Amigos, aproveitando a comemoração pelo primeiro ano do nosso Blog, gostaria de sintetizar aqui, o que foi alcançado com o blog, em nível de...

ENCONTREI AS SEGUINTE

memória viamão
memória viamense prefeitura
de viamão arquivologia blogs
cemitério antigo de Viamão cultura
memória social viamonense FABICO
Le Goff colaboração memoria monografia
Carlo Ginzburg Coronel Serapião
Fronteiras do Pensamento Gente História
ICV Letras da Torre M.V. Município
Planalto São Tomé Terra UFRGS arquivo
histórico artigo apores bairros banca
cemitérios coletividade comunidade
construção coletiva do conhecimento
famílias ferramenta de armazenamento
folksonomia fotografia genealogia
gentílico história de viamão identidade
memorial parceiros poder público
portugueses povo proprietário salbani
segunda semana acadêmica semana
acadêmica da Arquivologia tomas
álbum

UFRGS
Foi um sucesso a apresentação da monografia, a banca realmente qualificou o trabalho que trata da memória de Viamão de sua preservação e da...

Imagem 5. Site do Projeto Memória Viamense. **Fonte:** Disponível em: <http://www.memoriaviamonense.com/2011/04/1-ano-de-blog-memoria-viamense.html>. Acesso em: 25 de julho de 2012.

5 METODOLOGIA

A natureza deste trabalho foi explicitada no próprio título, na medida em que é definida como estudo exploratório. E são relativamente raras as reflexões que tecem considerações metodológicas sobre o estudo exploratório, mas ainda assim foi possível reunir algumas referências e a partir delas estruturar o escopo metodológico adotado na pesquisa.

E o conceito de pesquisa exploratória, da forma como é tradicionalmente entendida, quem melhor a descreve é Theodorson e Theodorson (1970, p.120):

(...)Exploratory study. A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem and formulate his hypothesis more accurately. It also enables him to choose the most suitable techniques for his research and to decide on the questions most in need of emphasis and detailed investigation, and it may alert him to potential difficulties, sensitivities, and areas of resistance¹.

Polit e Hungler (1987) referem-se à “pesquisa exploratória” como estratégia para testar e definir coleta de dados e como uma extensão da pesquisa descritiva. Em Babbie (1986) o argumento está relacionado a uma estratégia de construção de familiaridade como um novo tema de interesse do pesquisador ou quando o objeto de estudo é em si relativamente novo. Já Ross e Rosser (1989) mencionam a pesquisa exploratória como um passo inicial para levantamento de subsídios.

¹ Tradução nossa: Estudo exploratório. Um estudo preliminar com o objetivo principal de se familiarizar com um fenômeno a ser investigado, de modo que um estudo posterior mais abrangente possa ser projetado com uma maior compreensão e precisão. O estudo exploratório (que pode usar qualquer uma de uma variedade de técnicas, normalmente com uma amostra pequena), permite ao investigador definir o seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. Ele também lhe permite escolher as técnicas mais adequadas para a sua investigação e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção na pesquisa detalhada, e pode alertá-lo para possíveis dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência.

E é este o sentido deste trabalho. Caracteriza-se como exploratório uma vez que uma das intenções é a de justamente gerar uma primeira base de conhecimento para uma futura ação investigativa sobre o mesmo tema.

Enquadrado como preliminar poderá, portanto, instrumentalizar outra pesquisa, proporcionando subsídios iniciais ao que se pretende conhecer numa intervenção de pesquisa com objetivos mais abrangentes. Busca-se conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e contexto onde se insere.

Como estudo preliminar buscou-se uma visão panorâmica em relação a como, no contexto da Ciência da Informação, a Arquivologia está se relacionando com o tema da folksonomia, e intentando ainda um enfoque mais particularizado, na medida em buscou-se identificar as possibilidades do seu uso no que se refere a acervos fotográficos.

Os fundamentos da pesquisa exploratória, portanto, são aplicáveis aos propósitos deste trabalho, pois é possível partir de uma situação de pouco conhecimento sobre o assunto na tentativa de alcançar a condição de um conhecimento qualitativo mínimo que possa apresentar-se como aporte para outras investigações sobre o mesmo tema e num outro nível, fato que já é concreto no presente momento.

Operacionalmente, este estudo exploratório foi realizado a partir de um levantamento de artigos, teses e dissertações que abordam o tema da folksonomia relacionado à Ciência da Informação e da Arquivologia. O resultado de tal rastreamento foi submetido a uma leitura e análise sistemática, buscando organizar o assunto em blocos temáticos, apresentando-os e discutindo a partir dos critérios da síntese, da coerência e da coesão, na identificação e definição de elementos capazes de responder a situação-problema e os objetivos elencados neste trabalho.

6 A ARQUIVOLOGIA E OS RECURSOS DE COLABORAÇÃO E INTERAÇÃO COM OS USUÁRIOS

Na revisão de literatura realizada, o uso de recursos da *internet* para executar funções de arquivo é tema ainda pouco abordado. Objetivamente foi realizada uma pesquisa em uma tese de doutorado denominada *Arquivos públicos brasileiros: a transferência da informação na Internet*, de Anna Carla Almeida Mariz, defendida no IBICT/UFRJ, em 2005; a dissertação de mestrado de Lucia Maria Velloso de Oliveira, *O usuário como agente no processo de transferência dos conteúdos informacionais arquivísticos*, apresentada em 2006, também no IBICT/UFRJ; o artigo intitulado *Web sites: uso de tecnologias no cumprimento das funções da biblioteca*, de Sueli Angélica do Amaral, publicado na Revista Informação & Sociedade: Estudos, v. 15, nº 2, em 2005; o artigo de Lyvia Archer e Regina de Barros Ciaconi, *Websites dos arquivos públicos: funções exercidas e recursos de colaboração e interação com os usuários*, publicado em 2010 na Revista Informação & Informação, periódico eletrônico do PPGCI da Universidade Estadual de Londrina; o livro *Arquivologia 2.0: a informação humana digital*, do professor e arquivista Charley Luz, lançado em 2010.

Esse conjunto escasso de referências já se constitui numa evidência, por certo, do quanto o assunto é ainda pouco abordado. Por outro lado, é importante considerar que as reflexões teóricas servem de guia no que se refere a colocar em prática as ideias sobre a inserção da arquivologia no universo 2.0. E nesse caso, para além da produção intelectual de natureza mais acadêmica, pode-se igualmente fazer menção ao documento intitulado *As diretrizes Gerais para a construção de websites de Instituições Arquivísticas*, apresentado pelo Conselho Nacional de Arquivos, em 2000, com o objetivo de orientar os gestores dessas instituições no desenvolvimento de seus websites. Contudo, como conclui Archer e Cianconi (2010, p.63):

(...) há uma grande obsolescência com relação às possibilidades atuais da tecnologia apesar do documento tratar o website de uma instituição arquivística como um instrumento de prestação de serviços dinâmico e atualizável e abordar a necessidade de redefinição das formas de relacionamento com seus usuários presenciais, e criação de vínculo com os usuários virtuais. A utilização dos recursos de mídias sociais como parte desse canal de diálogo não é citada, pois são tecnologias que se tornaram

populares recentemente, no início do século XXI. Entretanto, apesar das diretrizes não tratarem explicitamente dos recursos 2.0, estes vem sendo utilizados em instituições voltadas a prover acesso e disseminar informação, como as bibliotecas e arquivos, sendo relevantes, portanto, identificar seus possíveis usos, de modo a incorporá-los a serviços que possam ser oferecidos pela internet.

Mas o esforço nessa seção é o de sintetizar o que é dito na literatura especializada sobre as possibilidades que advém à área da arquivologia a partir do advento da web 2.0, em particular pelo uso da folksonomia.

Os antecedentes da relação entre Arquivologia e *internet* estão relacionados, naturalmente, a uma primeira geração da rede, conhecida como Web 1.0, então utilizada à semelhança de uma vitrine pela qual as organizações apresentavam seus objetivos, meios de contato; a informação era disponibilizada na forma “um-para-um” ou “um-para-muitos”.

Já na segunda geração da rede, denominada de Web 2.0, Web Social ou mídias sociais, refere-se a uma atualização da base tecnológica e também a uma mudança no modo de como ela é encarada pelos usuários. Diz respeito a um ambiente de interação e colaboração que engloba inúmeras facilidades e motivações para a participação dos usuários.

Archer e Cianconi (2010, p. 64-67) relacionam um conjunto de recursos da web 2.0 que podem ser utilizados em sites de arquivos: **Blogs** (no qual podem ser postados textos que podem conter imagens, sons, ou vídeos, que são organizados cronologicamente); **Microblogging** (que permite aos usuários o envio e a leitura de atualizações pessoais através da web ou por SMS); RSS (ferramentas de agregação de conteúdos); **Wiki** (tipo de site no qual os usuários tem a permissão de gerar, gerenciar e disseminar conteúdos); **Etiquetas** (recurso utilizado pelos usuários para classificação de conteúdos na web por meio de palavras-chaves consideradas relevantes); **Marcadores de Favoritos ou Social Bookmarking** (ferramenta capaz de armazenar, classificar, compartilhar e pesquisar links que apontam para endereços de websites); **Redes Sociais** (que permitem aos usuários fazerem links para pessoas que eles conheçam, podendo compartilhar informações com essas pessoas); **Mashups** (são recursos combinados, possibilitando que partes da

tecnologia de um programa sejam utilizadas em outros, constituindo assim um novo recurso); **Sites de hospedagem e compartilhamento de arquivos da web 2.0** (são recursos externos ao website das organizações, como p.e., **Flickr e Youtube**).

A conclusão que aparece como frequente nas referências pesquisadas, indicadas acima, refere-se à necessidade dos arquivos em se adaptarem não somente as novidades que emergem com a Web 2.0, mas igualmente com as demais transformações que inevitavelmente advirão nesse campo.

O trabalho que Archer e Cianconi (2010) comunicam no artigo, apresenta uma pesquisa realizada num conjunto de sites de arquivos, a maioria referente a instituições nacionais, mas também composto por pequena amostragem internacional, na qual buscam identificar que tipo de função essas URLs cumprem. Chegam a resultados interessantes na relação com algumas funções previamente definidas, como quanto à função funcional (que diz respeito a disponibilização de informações sobre a instituição, sua história, missão, localização, etc.); função referencial (aquela que apresenta aos usuários as ferramentas que auxiliem na navegação); função pesquisa (presença de recursos que auxiliem o usuário em sua busca, como banco de dados com informações descritas do acervo, bases de imagem dos documentos, listagens dos serviços oferecidos); função instrucional (recursos para instruir e guiar o usuário no uso do site ou do arquivo, tais como perguntas frequentes - FAQs -); função comunicação (canais para contato com o usuário); e função colaboração (utilização de recursos das mídias sociais - web 2.0 – visando possibilitar a participação e colaboração dos usuários).

Apesar dos resultados interessantes e ilustrativos que a pesquisa fornece no seu conjunto, apresenta-se aqui, em função do tema do trabalho, apenas os dados referentes à função colaboração:

(...) os recursos web 2.0 ainda são pouco utilizados nos sites de arquivos brasileiros, sendo os mais usados o **RSS feed (29%)**, seguido de **blogs**, com permissão para comentários, etiquetas em **21%**. Há apenas **7%** dos sites de arquivo com presença em **redes sociais**. Nos sites de arquivos estrangeiros foram encontrados em **67%** de arquivos com presença em **sites de fotos**, como flickr. (ARCHER; CIANCONI, 2010. p. 71-72).

7 ARQUIVOLOGIA, FOLKSONOMIA E ACERVOS FOTOGRÁFICOS

Ao longo do trabalho foram constituindo-se argumentos e subsídios que, nesta altura, já permite apresentar algumas possibilidades sobre a relação entre folksonomia e acervos fotográficos.

Como é possível depreender da seção em que trata da folksonomia, ela apresenta-se, no contexto da Web 2.0, como uma das ferramentas capazes de agregar novas formas de representação, organização e recuperação de informações. Ao viabilizar a emergência de padrões hipertextuais pela intervenção da construção coletiva, ela permite uma organização semântica das informações e, por decorrência, amplia as possibilidades de busca dos dados na *web*.

Via de regra, os sistemas que incorporam a folksonomia em seu funcionamento disponibilizam, normalmente, a prática de “etiquetar”. Tal recurso é semelhante à categorização de bookmarks (“favoritos”). Como destaca Alex Primo (2007, p.3):

(...) é o processo de geração de metadados (ou seja, dados sobre dados) através da associação de tags (etiquetas) a referências e materiais. No tagging, em vez do cadastramento padronizado de informações como “autor” e “ano de publicação”, os internautas ao incluírem um novo link em sua lista pública de bookmarks podem registrar quaisquer palavras que julgarem ser associadas a um certo material. (2007, p. 3).

O usuário de tal serviço tem a opção de tornar pública a sua lista de bookmarks, compartilhando-a com outros usuários, associando assim tags a determinados materiais. Nesse contexto, a Web 2.0 funciona como plataforma para um ambiente colaborativo de interação de impressões, interpretações e classificações de seus usuários.

Um sistema que viabiliza o armazenamento e compartilhamento de fotos faz pensar na construção das memórias no ciberespaço. Um *blog*, por exemplo, pode viabilizar um processo folksonômico, permitindo a construção de uma memória coletiva dentro da *web*. E fazemos referência particular ao *blog* como opção (em detrimento a um site comum, por exemplo), pela pluralidade de seus recursos e a fácil utilização da ferramenta.

Em *A nova desordem digital*, David Weinberger (2007, p.16) aponta esta possibilidade a partir de um de seus exemplos sobre álbuns fotográficos, com as possibilidades da Web 2.0:

(...) Não há limites para o número de álbuns que podemos montar. Então, não somos mais forçados a construir cuidadosamente um único caminho pelas memórias. Em vez disso, quanto mais variadas formas de classificar, ordenar e reunir nossas fotos digitais – quanto mais diversificadas – melhor. Não é mais necessário que toda a família concorde a respeito das memórias. Se os álbuns são arquétipos de memória, esta se torna menos o que montamos e bloqueamos e mais o que podemos montar e compartilhar. (2007, p. 16).

O *blog*, assim como outras ferramentas oferecidas pela Web 2.0, permite ao usuário registrar, organizar e recuperar informações através de *tags* que ele mesmo determinar, podendo compartilhar com outros indivíduos, num processo de construção de um ambiente coletivo de interação. Quando se reúne todas as impressões e *tags* criadas, constitui-se um retrato coletivo sobre determinados conteúdos, gerando nuvens de *tags*, que em geral reúne um conjunto de etiquetas utilizadas, dispostas em ordem alfabética, e a quantidade de conteúdos apresentado em cada etiqueta é mostrado proporcionalmente pelo tamanho da fonte.

A partir deste cenário, pode-se pensar como aplicar este recurso folksonômico como estratégia que pode contribuir no processo de organização e recuperação da informação relacionada ao conteúdo de acervos fotográficos, e chegamos as seguintes possibilidades:

- Várias ferramentas da Web 2.0 podem viabilizar folksonomias relacionadas a acervos fotográficos, e o *blog* é uma das boas estratégias, destacado aqui por que vem sendo largamente utilizado e em função das facilidades quanto ao seu uso;
- A sua viabilização depende, a priori, da migração do suporte em papel para o suporte digital;
- No processo de digitalização das fotografias, devem-se seguir as orientações emanadas das “Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes do CONARQ (2010);

- O acervo fotográfico digitalizado deve ser inserido em um endereço de Blog, disponibilizado para visitas, processo este que possibilitará folksonomia e a construção do conhecimento coletivo sobre o conteúdo do acervo;
- As *tags* a serem compartilhadas pelos usuários passarão a fazer parte da construção de um ambiente coletivo de interação, configurando a rigor a forma como se utiliza a memória, que é recorrendo a experiências com outros indivíduos;
- O acervo disponível na *web* via *blog* resulta em duas implicações: - amplia-se a possibilidade de preservação e acessibilidade em função da digitalização; uma vez que um determinado acervo esteja catalogado como resultado de um processo folksonômico, as chances de se encontrar determinada foto aumentam.

As novas possibilidades de disponibilização de acervos fotográficos que nascem com a Web 2.0 coloca numa outra perspectiva o trabalho desenvolvido por arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação. Estas instituições até muito recentemente se defrontavam com as questões de conservação e reprodução de documentos fotográficos em base química, a catalogação era manual e a consulta local. Enfrentavam, dessa forma, limites físicos de alcance e de recuperação da informação desejada. Com o surgimento de novas tecnologias e a possibilidade de se estabelecer uma nova ordem catalográfica, resultado do envolvimento dos próprios usuários, as oportunidades de acesso e recuperação da informação fotográfica aumentam consideravelmente.

Para as instituições arquivísticas, a vantagem em relação à disponibilização dos acervos na *www* refere-se a uma ampliação da visibilidade que as coleções fotográficas passam a ter. O dilema passa ser a possibilidade de atender satisfatoriamente as demandas dos diferentes usuários de imagem e seus diferentes interesses perante esse objeto polissêmico.

8 RESULTADOS

Retoma-se, ao final, a perspectiva que orientou o desenvolvimento do presente trabalho, que foi a realização de um estudo exploratório com o objetivo de construir uma base mínima de informações sobre o potencial de uso da folskonomia, no contexto da Ciência da Informação, no processo de organização e recuperação da informação dos conteúdos de acervos arquivísticos, particularmente acervos fotográficos. E na condição de estudo exploratório, a base para a sua elaboração foram os dados e materiais levantados a partir do recurso da revisão da literatura especializada.

A primeira constatação foi a de que no campo da Ciência da Informação, a Biblioteconomia apresenta uma razoável quantidade de discussões sobre a interface entre as bibliotecas e seus usuários com os recursos da Web 2.0. Archer e Cianconi corroboram esta constatação:

(...) o uso e aplicação dos recursos colaborativos e interativos vem representando uma significativa mudança nos serviços das bibliotecas, tornando-as mais interativas e acessíveis. Tornam-se o lugar onde os usuários podem não apenas procurar por material bibliográfico, mas interagir com diferentes comunidades e com os bibliotecários, compartilhando experiências e informações. (p. 67).

Quanto ao universo da Arquivologia, observou-se que as instituições arquivísticas estão muito distantes de aproveitar todo o potencial de recursos que a Web. 2.0 disponibiliza. O que se percebe atualmente é uma relação ainda tímida com essa tecnologia. Uma quantidade significativa dos arquivos reconhece a necessidade de aplicação dos recursos colaborativos e interativos, vislumbra a disponibilização de seus acervos e a utilização de algum recurso visando a aproximação com os usuários através da internet.

No trabalho de Archer e Cianconi, uma das referências adotadas neste estudo, apresentam um cotejamento em relação a produção intelectual sobre o temas das ferramentas colaborativas na Biblioteconomia e na Arquivologia, e constataram que:

(...) uma realidade entristecedora transparece: enquanto a Biblioteconomia se desenvolve acompanhando os avanços tecnológicos, a Arquivologia no Brasil, apesar de contar com uma relativa quantidade de artigos sobre transparência da informação na Internet e meios de acesso aos acervos, ainda não explora o potencial dos recursos 2.0 disponíveis. (p. 73).

Nos textos consultados, é recorrente a ideia de que a adoção dos *sites* pode proporcionar às instituições arquivísticas uma ampliação da visibilidade, podendo alcançar uma nova gama de usuários que podem passar a aderir e usufruir do conteúdo dos arquivos pelas facilidades de acesso à serviços via internet.

Quanto ao uso da folksonomia no processo de organização e recuperação da informação do conteúdo de acervos fotográficos, concluí-se que se trata de um campo que porta inúmeras possibilidades, muitas representando caminhos ainda não percorridos ou estratégias ainda pouco testadas. Entretanto, avançamos numa breve avaliação sobre essas possibilidades, ou seja, a viabilização daquela que se concretiza em processos folksonômicos por meio da utilização do recurso do *blog*, como apresentamos no **capítulo 6**.

Um *blog*, enquanto recurso folksonômico, pode ser utilizado como ferramenta de armazenamento, preservação da memória e de construção coletiva do conhecimento se considerar que pode ser adotado como um artefato cultural carregado de significados, que são atribuídos pelos usuários.

Ao disponibilizar o acervo de forma digital na *internet* e por meio de um *blog*, torna-se viável, com a contribuição do usuário, a construção de conhecimento pela via individual e coletiva e pela concretização da interatividade. Nesse caso, a folksonomia contribui mesmo no processo de organização. E na medida em que o visitante (usuário), pela interatividade, adiciona *tags* às imagens e, posteriormente, com a possibilidade de observá-las como uma imensa nuvem em 3D, possibilita-se que o acervo ganhe vida e torne-se um produto de conhecimento e debate coletivo.

9 CONCLUSÕES

Ao concluir este trabalho, é possível afirmar que a situação-problema, o objetivo geral e os específicos, foram encaminhados satisfatoriamente, considerando os limites efetivamente delineados:

Foi alcançado a compreensão de que a folksonomia pode contribuir na viabilização do aprimoramento da organização e recuperação da informação relativa a acervos fotográficos, uma vez adaptando-se aos critérios para disponibilizar imagens na rede e com recurso que viabilize processos folksonômicos, como é a possibilidade que o *blog* apresenta, por exemplo:

Foi constatado que a colaboração participativa é efetiva desde que o material esteja disponível na rede, atraindo os usuários identificados com os temas e situações publicizados, pois torna-se viável a um cidadão comum realizar o seu próprio cenário patrimonial dentro da rede;

Concluí-se que em termos de impactos o uso da folksonomia amplia consideravelmente as possibilidades de organização e recuperação da informação dos acervos fotográficos, pois gera um arquivo digital, oportunizando a criação de novos mecanismos de utilização, organização e acesso às imagens, criando assim um novo e diferentes acervo de imagens;

Pode-se inferir que a folksonomia constitui-se mesmo num ponto de equilíbrio entre a linguagem natural e a linguagem clássica, podendo proporcionar a esta última a construção de um vocabulário muito mais próximo do universo representativo dos usuários.

A síntese das questões aqui tratadas e as perspectivas que aponta leva à consideração de que a *web* proporciona mais do que um simples processo de recuperação da informação, permitindo exercer um processo de descoberta constante, pois o ambiente de hipertexto e de resultados de busca sempre trazem algo, um retrato momentâneo de um todo em constante mudança.

Quando ao usuário é dado o direito de participar da construção do ambiente informacional, o processo de descoberta se intensifica.

A viabilização da colaboração dos usuários por meio de processos folksonômicos, como demonstrado, contribui sim no aprimoramento do processo de organização e recuperação da informação de conteúdos de acervos fotográficos. Não obstante, a Arquivologia precisa se dedicar no aprofundamento do entendimento desse universo e a sua aplicabilidade. Assim, cumpre-se o propósito de uma Arquivologia sintonizada com o seu tempo e no cumprimento da sua maior missão: a guarda responsável e disseminação ampla das informações contidas em seus acervos e a quem delas necessita.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.ou e no Flickr. **Liinc em Revista**, v. 4, n. 2, p. 303-320, set. 2008.

ARCHER, Lyvia; CIANCONI, Regina de B. Websites dos arquivos públicos: funções exercidas e recursos de colaboração e interação com os usuários. **Inf & Inf, Londrina**, v. 15, n. 2, jul./dez. 2010, p. 60-75, ISSN: 1981-8920 (versão online). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/index>. Acesso em: 12 de agosto de 2012.

BABBIE, E. **The practice of social research**. 4.ed. Belmont: Wadsworth Publ., 1986.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986; p-91-107. Obras escolhidas, v.1.

BERNERS-LEE T.; LASSILA, O.; HENDLER, J. The semantic web. **Scientific American**. New York, v. 5, May 2001. Disponível em: http://www.sciam.com/print_version.cfm?articleID=00048144-10D2-1C70-84A9809EC588EF21. Acesso em: 12 de julho de 2012.

BRASCHER, M. **A ambiguidade na recuperação da informação**. DataGramZero, Rio de Janeiro, v.3, n.1, fev. 2002; disponível em <http://www.dgz.org.br/fev02/Art_05.htm>.

BRANDT, Mariana. **Etiquetagem e folksonomia**: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web. Dissertação de Mestrado apresentado ao Curso de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre. Brasília: UNB, 2009. 145p.

BRIET, S. **What is documentation?** Lanham: Scarecrow, 2006. 72p

CAMPOS, M .L. A. et at. **Ontologias**: representando a pesquisa na área através de mapa conceitual. In: ENANCIB –ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador; UFBA, 2007. Disponível em: <<http://WWW.enancib.ppqci.ufba.br/artigos/GT2-129.pdf>>. Acesso em 12 de jul. de 2012.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na web. **Revista Data Grama Zero**, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: http://dgz.org.br/jun07/Art_04.htm. Acesso em: 20 de junho 2012.

CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 2005

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **A política nacional de arquivos: a ação do Conselho Nacional de Arquivos**. Rio de Janeiro: CONARQ, 1997.

DAVID, Kato; SILVA, Gledson. **Folksonomia: uma nova ferramenta para a organização de informações**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.terraforum.com.br/blog/Lists/Postagens/Post.aspx?ID=76>. Acesso em: 18 de jul. 2010.

DEDA, Rhodrigo. **Novo conceito de informação na internet**. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/canal/tecnologia/news/125106/?noticia=NOVO+CONCEITO+DE+ORGANIZACAO+NA+INTERNET>. Acesso em: 18 de jul. de 2010.

FEITOSA, Ailton. **Organização da informação na web: das tags à web semântica**. Brasília: Thesaurus, 2006. 136p. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v.2).

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

GOLDEN, S.; HUBERMAN, B.A. Usage patterns of collaborative tagging Systems. **Journal of Information Science**, v. 32, n. 2, p. 198-208, 2005.

GRACIO, J. C. A. **Metadados para descrição de recursos da Internet: o padrão Dublin Core, aplicações e a questão da interoperabilidade**. 127 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

GRUBER, T. **What is an ontology?** [S. l. : s. n.], 1996. Disponível em: <http://www-ksl.stanford.edu/kst/what-is-an-ontology.html>. Acesso em: 18 jul. 2012.

GUY, M.; TONKIN, E. Folksonomies: tidying up tags? **D-Lib Magazine**, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/january06/guy/01guy.html>. Acesso em: 18 ago. 2012.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA-MARQUES, Mamede. **Ontologias**: da filosofia à representação do conhecimento. Brasília: Thesaurus, 2006. 72p. (Série Ciências da Informação e da Comunicação, 1).

LOPEZ, André Porto Ancona. **As razões e os sentidos**: finalidades da produção documental e interpretação de conteúdos na organização arquivística de documentos imagéticos. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2000.

LUZ, Charley. **Arquivologia 2.0**: a informação humana digital. Florianópolis: Bokkes, 2010. 116p.

KEPPLER, Carlos Dinarte de Oliveira. **Blog memória Viamense**: preservação da memória e construção coletiva do conhecimento no Departamento de Memória de Viamão. Monografia apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 79p.

MARLOW, Cameron; NAAMAN, Mor; BOYD, Danah; DAVIS, Marc. **Position Paper, Tagging, Taxonomy, Flickr, Article, ToRead**. IN: WWW2006 INTERNATIONAL WORLD WIDE WEB CONFERENCE, 15., 2006, Edinburgo Scotland. Papers... Disponível em: <<http://www.rawsugar.com/www2006/29.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

MATHES, A. **Folksonomies - cooperative classification and communication through shared metadata**. Computer Mediated Communication – LIS590CMC, Urbana: University of Illinois, 2004. Disponível em: <<http://www.adammathes.com/academic/computer-mediated-communication/folksonomies.html>>. Acesso em: 25 set. 2012.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206p.

MERHOLZ, Peter. **Metadata for the masses**. Outubro, 2004.

MORVILLE, Peter; ROSEVELD, Louis. **Information Architecture**: for the world wide web. 3.ed.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0**: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Media, Inc. Disponível em: <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20>. Acesso em: 20 de jul. 2012.

PAES, Marilena Leite. **Teoria e prática de arquivos**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PIERUCCINI, Ivete. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em educação. 194 f. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação). ECA-USP, 2004.

POLIT, D.F. & HUNGLER, B.P. **Nursing research: principles and methods**. 3ª ed., Philadelphia: J.B. Lippincott, 1987.

PRADO, Heloisa de Almeida. **A técnica de arquivar**. 5.ed. São Paulo: T. A Queiroz, 1985.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. **Anais** ; 2006. Brasília: UNB, 2006.

ROSS, M.W. & ROSSER, B.R.S. Education and AIDS risk: a riview. **Health Educ. Res.**, 4: 273-84, 1989.

REIS, Guilherme. **Vantagens e desvantagens da folksonomia**. Disponível em: http://www.guilhermo.com/ai_biblioteca/artigo.asp?referencia=288. Acesso em: 24 de set. de 2012.

RUFINO, Airtiane Francisca. **Folksonomia**: o efeito de sua aplicação no processo de recuperação da informação. Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciência da Informação. Curso de Biblioteconomia. Fortaleza: UFC, 2010. 57p.

SALES, R.; CAFÉ, L. **Diferenças entre tesauros e ontologias**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.14, n.1, 2009.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**: cadernos do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v.2. p.28-36. Jul.-dez. 1998.

SPITERI, Louise. **Controlled Vocabulary and Folksonomies**. Disponível em: <<http://www.collectionscanada.ca/obj/014005/f2/014005-05-209-e-e.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

STREHL, Leticia. As folksonomias entre os conceitos e os pontos de acesso: as funções de descritores, citações e marcadores nos sistemas de recuperação da informação In: **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.2, p.101-114, jun/ago. 2011.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. In: **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: UNESCO, 2006. p. 19-35.

TAYLOR, A. **The organization of information**. 2.ed. Litteton: Libraries un limited, 2003. (Library and information science text series).

THEODORSON, G.A.; THEODORSON, A.G. **A modern dictionary of sociology**. London: Methuen, 1970.

TEFKO, Saracevic. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. In: International Conference on Conceptions of Library and Information Science:

Historical, empirical and theoretical perspectives. Aug. 26-28, 1991. University of Tampere. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

TERRA, José C. C. et al. **Taxonomia**: elemento fundamental para a gestão do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TRANT, J. Exploring the potential for social tagging and folksonomy in art museums: prof of concept. **New Review of Hypermedia and Multimedia**, v.12, n.1, p. 63-81, 2006.

VAN AMSTEL, F. M. C. **Folcsonomia**: Vocabulário Descontrolado, Anarquitectura da Informação ou Samba do Crioulo Doido? In: Anais do 1o Encontro Brasileiro de Arquitetura da Informação, 2007. Disponível em: http://usabilidoido.com.br/folcsonomia_vocabulario_descontrolado_anarquitectura_da_informacao_ou_samba_do_crioulo_doido.html. Acesso em: 30 de out. 2012.

WAL, Thomas Vander. **Folksonomy definition and wikipedia**. Disponível em: <<http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital**: os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

_____. Folksonomy Coinage and Definition. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>. Acesso e: 10 de set. de 2012.

WELLER, K. **Folksonomies and ontologies**: two new players in indexing and knowledge representation. In: Proceedings of Online Information. London: Great Brintain, 2007. p. 108-115.